

RICARDO PIGLIA

O caminho de Ida

Tradução

Sérgio Molina



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2013 by Ricardo Piglia

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

A citação original de *Moby Dick*, de Herman Melville, foi retirada da edição da Cosac Naify (2008), com tradução de Irene Hirsch e Alexandre Barbosa de Souza.

Título original

El camino de Ida

Capa

Marcos Kotlhar

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Jane Pessoa

Luciana Baraldi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Piglia, Ricardo

O caminho de Ida / Ricardo Piglia. ; tradução Sérgio Molina.
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

Título original : El camino de Ida.

ISBN 978-85-359-2404-6

1. Ficção argentina I. Título.

14-01223

CDD-ar863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura argentina ar863

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- I. O acidente, 11
- II. A vizinha russa, 81
- III. Em nome de Conrad, 149
- IV. As mãos no fogo, 201
- Epílogo, 243

I. O ACIDENTE

Um

1.

Naquele tempo eu vivia várias vidas, seguia sequências autônomas: a série dos amigos, do amor, do álcool, da política, dos cachorros, dos bares, das caminhadas noturnas. Escrevia roteiros que não eram filmados, traduzia múltiplos romances policiais que pareciam sempre o mesmo, redigia áridos livros de filosofia (ou de psicanálise!) que outros assinavam. Estava perdido, fora do ar, até que por fim — por acaso, de repente, inesperadamente — acabei indo lecionar nos Estados Unidos, envolvido num acontecimento sobre o qual quero deixar meu testemunho.

Recebi a proposta de passar um semestre como *visiting professor* na elitista e exclusiva Taylor University; outro candidato tinha desistido, e pensaram em mim porque já me conheciam, então me escreveram, negociamos, marcamos datas, mas comecei a enrolar, a adiar: não queria passar seis meses enterrado num fim de mundo. Um dia, em meados de dezembro, recebi um e-mail de Ida Brown escrito com a sintaxe dos antigos telegramas ur-

gentes: TUDO PRONTO. ENVIE SYLLABUS. AGUARDAMOS SUA CHEGADA. Fazia muito calor nessa noite, portanto tomei uma chuveirada, peguei uma cerveja na geladeira e me sentei na cadeira de lona em frente à janela: lá fora, a cidade era uma massa opaca de luzes remotas e sons descontraídos.

Estava separado da minha segunda mulher e morava sozinho num apartamento em Almagro, emprestado de um amigo; fazia tanto tempo que não publicava que um dia, saindo do cinema, uma loira que eu tinha abordado com um pretexto qualquer se espantou ao saber quem eu era, porque pensava que estava morto. (“Oh, me disseram que você tinha morrido em Barcelona.”)

Eu me defendia trabalhando num livro sobre os anos de W. H. Hudson na Argentina, mas a coisa não progredia; estava cansado, paralisado pela inércia, e passei algumas semanas sem fazer nada, até que um dia Ida me localizou por telefone. Onde eu tinha me metido que ninguém conseguia me achar? Faltava um mês para o início das aulas, eu tinha que viajar agora mesmo. Todos estavam esperando por mim, exagerou.

Devolvi as chaves do apartamento ao meu amigo, deixei minhas coisas num guarda-móveis e parti. Passei uma semana em Nova York e em meados de janeiro me mudei num trem da New Jersey Transit para o pacato vilarejo suburbano onde funcionava a universidade. Claro que Ida não estava na estação quando cheguei, mas tinha mandado dois estudantes me esperarem na plataforma segurando um cartaz com meu nome escrito errado em letras vermelhas.

Tinha nevado e o estacionamento era um deserto branco com os carros mergulhados na bruma gelada. Entrei no carro e avançamos lentamente no meio da tarde, iluminados pelo reflexo amarelo dos faróis de neblina. Finalmente chegamos à casa

na Markham Road, não muito longe do campus, que o serviço de *housing* da universidade havia alugado de um professor de filosofia que estava passando seu ano sabático na Alemanha. Os estudantes eram Mike e John III (eu iria reencontrá-los nas minhas aulas), muito prestativos e muito silenciosos, me ajudaram a descer as malas, me deram algumas dicas práticas, ergueram a porta da garagem para me mostrar o Toyota do professor Hubert, que estava incluso no aluguel; me explicaram como funcionava a calefação e me deram um telefone para eu ligar se começasse a congelar (“em caso de urgência, ligue para o Public Safety”).

O vilarejo era esplêndido e parecia fora do mundo a sessenta quilômetros de Nova York. Residências com amplos jardins abertos, janelões de vidro, ruas arborizadas, calma absoluta. Era como estar numa clínica psiquiátrica de luxo, exatamente o que eu precisava na época. Não havia grades, nem guaritas de segurança, nem altos muros em lugar nenhum. As fortificações eram de outra natureza. A vida perigosa parecia estar fora de lá, além dos bosques e dos lagos, em Trenton, em New Brunswick, nas casas queimadas e nos bairros pobres de Nova Jersey.

Na primeira noite fiquei acordado até tarde, investigando os cômodos, observando pelas janelas a paisagem lunar dos jardins vizinhos. A casa era muito confortável, mas a estranha sensação de alheamento se repetia pelo fato de eu estar vivendo outra vez no lugar de outra pessoa. Os quadros nas paredes, os enfeites sobre a lareira, a roupa embalada em cuidadosos sacos de náilon faziam me sentir mais um voyeur do que um intruso. No escritório do andar de cima, as paredes estavam cobertas de livros de filosofia, e ao percorrer a biblioteca pensei que os volumes eram feitos da matéria densa que sempre me permitiu isolar-me do presente e fugir da realidade.

Nos armários da cozinha, encontrei molhos mexicanos, especiarias exóticas, vidros com cogumelos e tomates secos, latas de azeite e potes de geleia, como se a casa estivesse preparada para um longo cerco. Comida enlatada e livros de filosofia, que mais eu podia desejar? Preparei uma sopa Campbell de tomate, abri uma lata de sardinhas, torrei pão congelado e abri uma garrafa de Chenin branco. Depois preparei um café e me instalei num sofá da sala para ver televisão. Sempre faço isso quando chego a outro lugar. A televisão é igual em toda parte, o único princípio de realidade que persiste para além das diferenças. Na ESPN, os Lakers iam ganhando dos Celtics; nas News, Bill Clinton sorria com seu jeito afável; um carro afundava no mar num comercial da Honda; na HBO, estavam passando *Possessed*, de Curtis Bernhardt, um dos meus filmes favoritos. Joan Crawford aparecia no meio da noite num bairro de Los Angeles, sem saber quem era, sem lembrar nada do seu passado, movendo-se pelas ruas estranhamente iluminadas como se estivesse num aquário vazio.

Acho que peguei no sono, porque fui acordado pelo telefone. Era por volta de meia-noite. Alguém que sabia meu nome e me chamava de professor com muita insistência estava me oferecendo cocaína. Tudo era tão insólito que sem dúvida era real. Surpreso, desliguei. Podia ser um engraçadinho, um idiota ou um agente da DEA controlando a vida privada dos acadêmicos da Ivy League. Como ele sabia meu sobrenome?

Esse telefonema me deixou bastante nervoso, para dizer a verdade. Costumo ter leves surtos de inquietação. Nada que qualquer sujeito normal não tenha. Imaginei que alguém estava me vigiando do lado de fora e apaguei as luzes. O jardim e a rua estavam em sombras, as folhas das árvores se agitavam com o vento; de um lado, além da cerca de madeira, via-se a casa iluminada do meu vizinho e, na sala, uma mulher baixa, de jog-

ging, fazendo exercícios de tai chi, lentos e harmoniosos, como se flutuasse na noite.

2.

No dia seguinte fui à universidade, conheci as secretárias e alguns colegas, mas não comentei com ninguém o estranho telefonema da noite. Tirei fotos, assinei papéis, me entregaram o cartão com o ID que me permitiria usar a biblioteca e me instalei numa ensolarada sala no terceiro andar do departamento que dava para as trilhas de pedra e os edifícios góticos do campus. O semestre estava começando, os estudantes chegavam com suas mochilas e suas maletas com rodinhas. Havia uma alegre agitação em meio à brancura gelada dos largos caminhos iluminados pelo sol de janeiro.

Encontrei Ida Brown no *lounge* dos professores, e fomos almoçar na Ferry House. Já tínhamos nos visto três anos antes, da outra vez que eu estivera na universidade, mas enquanto eu afundava ela só fizera melhorar. Tinha uma aparência muito distinta com seu elegante blazer de lãzinha, sua boca pintada de vermelho-vivo, seu corpo esguio e seu jeito mordaz e maldoso. (“Bem-vindo ao cemitério aonde vêm morrer os escritores.”)

Ida era uma estrela do mundo acadêmico, sua tese sobre Dickens havia paralisado os estudos sobre o autor de *Oliver Twist* por vinte anos. Seu salário era um segredo de Estado, diziam que era aumentado a cada seis meses, com a única condição de que sempre fosse cem dólares mais alto que o do macho (ela não os chamava assim) mais bem pago da sua profissão. Morava sozinha, nunca se casara, não queria ter filhos, estava sempre rodeada de estudantes, a qualquer hora da noite era possível ver a luz do seu escritório acesa e imaginar o suave ruído do seu

computador, no qual elaborava teses explosivas sobre política e cultura. Também era possível imaginar seu risinho divertido ao pensar no escândalo que sua nova hipótese iria causar entre os colegas. Diziam que era esnobe, que mudava de teoria a cada cinco anos e que cada um dos seus livros era diferente do anterior porque espelhava a moda da temporada, mas todos invejavam sua inteligência e eficácia.

Assim que nos sentamos para almoçar, ela me pôs a par da situação no Departamento de Modern Culture and Film Studies que ela ajudara a criar. Incluía os estudos de cinema porque os estudantes, disse, podem não ler livros, não ir à ópera, podem não gostar de rock ou de arte conceitual, mas *sempre* verão filmes.

Era frontal, direta, sabia brigar e pensar. (“Esses dois verbos andam juntos.”) Estava engajada numa guerra sem quartel contra as células derridianas que controlavam os departamentos de literatura no leste do país e, sobretudo, contra o comitê central do desconstrucionismo, em Yale. Não os criticava da perspectiva dos defensores do cânone, como Harold Bloom ou George Steiner (“os estetas kitsch das revistas da classe média ilustrada”), mas os atacava pela esquerda, na grande tradição dos historiadores marxistas. (“Se bem que dizer ‘historiador marxista’ é um pleonasma, como dizer ‘cinema norte-americano’.”)

Trabalhava para a elite e contra ela, odiava as pessoas que formavam seu círculo profissional, não tinha um público amplo, era lida somente por especialistas, mas incidia sobre a minoria que reproduz as hipóteses extremas, as transforma, as populariza e as converte — anos depois — em informação dos meios de massas.

Tinha lido meus livros, conhecia meus projetos. Queria que eu desse um seminário sobre Hudson. “Preciso da sua perspectiva”, disse com um sorriso cansado, como se essa perspecti-

va não tivesse muita importância. Ela estava trabalhando sobre as relações de Conrad com Hudson, disse-me, antecipando que esse era seu terreno e que eu não devia entrar nele. (Não acredita na propriedade privada, diziam dela, a não ser quando se trata do *seu* campo de estudo.)

Edward Gardner, o editor que descobriu Conrad, também havia publicado os livros de Hudson. Foi assim que os dois escritores se conheceram e se tornaram amigos; eram os melhores prosadores ingleses do final do século XIX e os dois haviam nascido em países exóticos e remotos. Ida estava interessada na tradição daqueles que se opunham ao capitalismo partindo de uma posição arcaica e pré-industrial. Os populistas russos, a *beat generation*, os hippies e agora os ecologistas retomaram o mito da vida natural e da comunidade camponesa. Hudson, segundo Ida, acrescentara a essa utopia meio adolescente seu interesse pelos animais. Os cemitérios dos bairros luxuosos dos subúrbios estão cheios de túmulos de gatos e de cachorros, disse, enquanto os *homeless* morrem de frio nas ruas. Para ela, a única coisa que havia sobrevivido da luta literária contra os efeitos do capitalismo industrial eram as histórias de Tolkien para crianças. Mas, bom, enfim, o que eu pensava fazer nas minhas aulas? Expliquei-lhe o plano do seminário, e a conversa seguiu esse curso sem maiores sobressaltos. Ela era tão linda e tão inteligente que parecia um pouco artificial, como se se esforçasse para atenuar seu encanto ou o considerasse um defeito.

Acabamos de almoçar e saímos pela Witherspoon em direção à Nassau Street. O sol tinha começado a derreter a neve e caminhamos com cuidado pelas calçadas escorregadias. Eu ainda teria alguns dias livres para me aclimatar; qualquer coisa que precisasse, era só avisá-la. As secretárias podiam cuidar dos detalhes administrativos, os estudantes estavam animados com meu curso. Esperava que eu ficasse à vontade na minha sala

no terceiro andar. Na hora de nos despedirmos, na esquina em frente ao portão do campus, ela apoiou a mão no meu braço e me disse com um sorriso:

— No outono estou sempre quente.

Fiquei sem ação, confuso. Ela me encarou com uma expressão estranha, esperou minha resposta por um instante e em seguida se afastou resoluta. Talvez não tenha dito o que pensei escutar (*"In the fall I'm always hot"*), talvez tivesse querido dizer "Na queda sou sempre um falcão". "Hothawks", podia ser. Outono significava semestre de outono, mas o que estava começando era o semestre da primavera. Claro que "hot" em *slang* podia significar "speed", e "fall", no dialeto do Harlem, era uma temporada na cadeia. O sentido prolifera quando se fala com uma mulher numa língua estrangeira. Esse foi mais um sinal do desajuste que iria se agravar nos dias seguintes. Costumo ser obsessivo com a linguagem, ressaibos da minha formação; tenho um ouvido envenenado pela fonética de Trubetzkoy e sempre escuto mais que o devido, às vezes me concentro nos anacolutos ou nos substantivos adjetivados e perco o significado das frases. Acontece quando estou viajando, quando estou sem dormir, quando estou bêbado, e também quando estou apaixonado. (Ou seria gramaticalmente mais apropriado dizer: acontece quando viajo, quando estou cansado e quando gosto de uma mulher?)

Passei as semanas seguintes tomado dessas estranhas ressonâncias. O inglês me inquietava, porque me engano com mais frequência do que gostaria e atribuo a esses enganos o sentido ameaçador que às vezes as palavras têm para mim. *Down the street there are pizza huts to go to and the pavement is nice, bluish slate gray*. Não podia pensar em inglês, imediatamente começava a traduzir. "No fim da rua há uma pizzeria e o asfalto (o pavimento) brilha agradável sob a luz azulada."

Minha vida exterior era tranquila e monótona. Fazia as compras no supermercado Davidson's, preparava a comida em casa ou ia comer no clube dos professores, de frente para os jardins da Prospect House. De quando em quando pegava o Toyota do professor Hubert e saía para visitar os povoados vizinhos. Vilarejos antigos, com vestígios das batalhas da independência ou da cruel guerra civil americana. Às vezes caminhava às margens do Delaware, um canal que no século XIX ligava a Filadélfia a Nova York como principal via de comércio. Foi cavado à força de pás por imigrantes irlandeses e contava com um complexo sistema de eclusas e diques, mas agora estava fora de uso e havia se transformado num passeio arborizado, com luxuosas casas nas colinas que davam para as águas quietas. Nessa época do ano, estava congelado, e crianças de casaca amarela e gorro vermelho voavam como pássaros com seus patins e trenós sobre a superfície transparente.

Uma das minhas ocupações era observar a vizinha. Ela era a única imagem de paz nas minhas madrugadas solitárias. Uma figura minúscula cuidando das flores de um pequeno jardim pessoal em meio à terra morta. Do meu quarto em sombras, no andar de cima, eu a via descer para o quintal todas as manhãs, caminhar com passinhos cautelosos pela neve e depois levantar a tela amarela com que protegia as flores de estufa que cultivava num canto, ao abrigo de um muro de pedra. Cuidava para que os brotos conseguissem superar as geadas e a falta de sol e o ar inóspito do inverno. Falava com elas, acho, com as plantas, até mim chegava um sussurro agradável numa língua estranha, como uma música suave e desconhecida. Às vezes tinha a impressão de ouvi-la assobiar, é raro as mulheres assobiarem, mas uma madrugada a escutei modular os “Quadros de uma exposição” de Mussorgsky. A realidade tem música de fundo, e nesse caso a melodia russa — bastante leve — era muito adequada ao ambiente e ao meu estado de espírito.